

abpi.empauta.com

Associação Brasileira da Propriedade Intelectual
Clipping da imprensa

Brasília, 08 de março de 2019 às 07h28
Seleção de Notícias

Exame.com | BR

Patentes

Declaração da LONGi a respeito das notícias da mídia sobre a violação da patente da Hanwha Q-CELLS	3
<small>NEGÓCIOS PRNEWSWIRE</small>	

Yahoo! Notícias Brasil | BR

08 de março de 2019 | Patentes

Testemunha da Apple não vai mais se envolver na batalha judicial contra Qualcomm	4
<small>CAPA</small>	

Jornal da USP | SP

Propriedade Intelectual

Inovação: o ingrediente que desafia as universidades	5
<small>HERTON ESCOBAR</small>	

Declaração da LONGi a respeito das notícias da mídia sobre a violação da patente da Hanwha Q-CELLS

NEGÓCIOS

XIAN, China, 7 de março de 2019 /PRNewswire/ A LONGi notou - por meio de artigos na imprensa - que a Hanwha Q-Cells abriu uma investigação de patente seção 337 junto à Comissão de Comércio Internacional (International Trade Commission - ITC) dos EUA, ao mesmo tempo que registrou uma denúncia de **violação de patente** no Tribunal Distrital de Delaware, EUA, contra a Jinko Solar, REC e LONGi.

Até agora, a LONGi não recebeu nenhum documento judicial a respeito das queixas nem qualquer correspondência empresarial oficial de negociação da Hanwha Q-CELLS a esse respeito - antes desse evento.

A LONGi sempre atribuiu grande importância a **inovações tecnológicas** e ao respeito por propriedades intelectuais. No momento, a empresa possui mais de 1.000 patentes e candidaturas de patentes, e mantém a liderança global em várias tecnologias fotovoltaicas essenciais. As células de PERC da LONGi repetidamente ganhou recordes mundiais em eficácia de célula.

Em análises preliminares das informações da mídia, a família de patentes usada pela Hanwha Q-CELLS na denúncia fora adquirida através de múltiplas transferências e transações de outros institutos de pesquisa e a empresa atua como uma coproprietária das patentes. Atualmente, diversos procedimentos de oposição contra as patentes foram registrados pelo menos na Europa, e há considerável incerteza com respeito à validade dos direitos de patente. Além do mais, de uma perspectiva técnica, a tecnologia atual-

mente usada nos produtos da LONGi não é a mesma contida nas patentes disputadas: estas dizem respeito à tecnologia ALD, enquanto a LONGi usa a PECVD.

Numa análise posterior das informações da mídia, a LONGi acredita que a denúncia não terá impacto material na produção e operações da empresa. Entretanto, a LONGi está preparada e pronta para ativamente respondê-la. Ao mesmo tempo, a empresa vai manter nossas valiosas partes interessadas, a exemplo de nossos investidores, parceiros estratégicos e clientes, atualizadas e informadas sobre a evolução deste assunto.

Sobre a LONGi Solar

A LONGi Solar é uma fabricante líder mundial de células e módulos solares monocristalinos de alta eficiência. Com sede em Xian, China, a empresa possui filiais no Japão, Europa, América do Norte, Índia e Malásia. A LONGi Solar é uma subsidiária de inteira propriedade do LONGi Group (SH601012) - o maior fornecedor de wafers solares de silício monocristalino do mundo, com 28 GW de capacidade de wafer no final do ano. Com forte foco em pesquisa e desenvolvimento, a LONGi está ativa na inteira cadeia de valor do silício monocristalino, inclusive usinas de energia solar.

Logo https://mma.prnewswire.com/media/781516/LONGi_Solar_Logo.jpg

FONTE LONGi Solar

PRNewswire

Testemunha da Apple não vai mais se envolver na batalha judicial contra Qualcomm

CAPA

Apple e a Qualcomm estão numa batalha judicial por conta de acusações de **violação de patentes**. Contudo, ainda não há um final feliz próximo nessa novela, que acaba de ganhar ainda mais drama com o capítulo mais recente da trama. Arjuna Siva, um ex-engenheiro da Apple, estava previsto para testemunhar em nome da Maçã no julgamento com a Qualcomm, sob o argumento de que ele deveria receber os créditos como um co-inventor de uma das patentes que estão em disputa entre as duas empresas. Todavia, em uma reviravolta dramática de eventos, foi revelado que Siva não irá mais se posicionar sobre o caso. >A Apple e a Qualcomm estão numa batalha judicial por conta de acusações de **violação de patentes**. Contudo, ainda não há um final feliz próximo nessa novela, que acaba de ganhar ainda mais drama com o capítulo mais recente da trama. Arjuna Siva, um ex-engenheiro da Apple, estava previsto para testemunhar em nome da Maçã no julgamento com a Qualcomm, sob o argumento de que ele deveria receber os créditos como um co-inventor de uma das patentes que estão em disputa entre as duas empresas. Todavia, em uma reviravolta dramática de eventos, foi revelado que Siva não irá mais se posicionar sobre o caso.

A conselheira da Apple, Juanita Brooks, informou ao CNET que Siva está seguindo as recomendações de um conselho, que recomendou que ele não respondesse nem mesmo às perguntas da própria Apple. Apesar de o ex-engenheiro não ter intenções de cooperar com o julgamento, Brooks observa que ele ainda irá testemunhar caso seja intimado.

O motivo exato pelo qual Siva não está mais aju-

dando a empresa de Cupertino ainda não está esclarecido, mas Brooks diz que o novo advogado dele é um ex-sócio da Quinn Emanuel, o escritório de advocacia que representa a Qualcomm nos tribunais. Dessa forma, a conselheira da Apple afirma que a fabricante dos Snapdragons teria influenciado a testemunha e avisou que a Maçã também não possui mais a intenção de chamar o ex-engenheiro para falar, definindo-o como uma "testemunha corrompida".

David Nelson, da Quinn Emanuel, que está atuando como conselheiro da Qualcomm, negou essa acusação perante o juiz Sabraw, afirmando que considera essa declaração como "um ataque pessoal." O juiz Sabraw, por sua vez, respondeu a Nelson avisando que o tribunal continuaria a investigar os eventos, mas que ainda não haveria nenhuma indicação de que ele ou "alguém na Qualcomm tenha algo a ver com isso".

Siva estava, originalmente, destinado a testemunhar sobre o seu envolvimento na criação da Patente US 8.838.949, uma vez que, na segunda feira (4), chegou-se à conclusão de que ele deveria levar uma parte dos créditos por ter gerado a ideia da e por ter discutido sobre ela com os seus colegas da Qualcomm por e-mail.

A Qualcomm, entretanto, contesta essa alegação, com a afirmação de que o ex-engenheiro não teria contribuído em nada com a patente em questão.

Canaltech >Fonte: Canaltech

Inovação: o ingrediente que desafia as universidades

Além do tripé ensino, pesquisa e extensão, professores defendem papel mais ativo das instituições na promoção da **inovação tecnológica**

Por - Editorias: Universidade - URL Curta: jornal.usp.br/?p=228259

Relação "ganha-ganha" entre universidades e empresas foi um dos temas do SciBiz Conference, que reuniu cientistas e empresários na USP - Foto: Divulgação/Oiweek Scibiz 2019

cc

.

Ensino, pesquisa e extensão: esse tem sido o lema das universidades públicas brasileiras pelos últimos 30 anos, seguindo o princípio da indissociabilidade dessas três funções, estabelecido no Artigo 207 da Constituição Federal de 1988. Cada vez mais acadêmicos, porém, defendem a inclusão de um quarto ingrediente nessa receita: o da **inovação tecnológica**.

Além de produzir conhecimento científico, muitos pesquisadores acreditam que as universidades devem assumir um protagonismo mais efetivo no processo do desenvolvimento de novas tecnologias, induzindo a transformação desse conhecimento em produtos e serviços inovadores, que atendam a demandas específicas da sociedade.

Esse foi um dos temas centrais da SciBiz Conference, o maior evento de inovação e empreendedorismo do Brasil, realizado entre 25 e 28 de fevereiro na USP, sob coordenação da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA).

"As universidades são financiadas com recursos públicos, e a resposta às demandas da sociedade é algo esperado daqueles que a financiam", disse o professor do Instituto de Biociências (IB) e diretor da Agência USP de Inovação (Auspin), Antonio Carlos

Marques, durante a mediação de um debate sobre o perfil "ganha-ganha" das relações entre empresas e universidades na promoção da inovação.

"Hoje em dia as universidades têm de prestar contas não só aos seus alunos, mas também à sociedade", reforçou o engenheiro Julio Meneghini, professor da Escola Politécnica (Poli) da USP e diretor científico do Centro de Pesquisa para Inovação em Gás (R-CGI), uma iniciativa multimilionária financiada pela Shell e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), em parceria com a USP.

O nome do evento, SciBiz, simboliza o encontro do mundo da ciência (science) com o dos negócios (business). O que não significa que as universidades públicas devam atuar como empresas, muito menos abrir mão da pesquisa básica ou da sua liberdade acadêmica, mas trabalhar em parceria com o setor privado para fomentar o empreendedorismo e potencializar, sempre que possível, a transformação da ciência em tecnologia - ou seja, a aplicação do conhecimento científico no desenvolvimento de novos produtos e soluções tecnológicas que sejam de interesse do mercado e da sociedade.

Na plenária "Criando Unicórnios", o professor Lino Rodrigues Filho (FEA) conversou com os jovens empreendedores Laura Camargo (Gympass), Vitor Olivier (Nubank), Vitor Magnani (iFood) e Vinícius Dias (Canal da Peça) - Foto: Cecília Bastos/USP Imagens

Como fez, recentemente, o físico e químico Sergio Mascarenhas, professor emérito da USP em São Carlos. Motivado por um problema de saúde pessoal (hidrocefalia), ele trabalhou com seus alunos para desenvolver o primeiro aparelho no mundo capaz de medir a pressão intracraniana de forma não invasiva. Em vez de fazer um furo no crânio (como fizeram no dele, em 2006), a medição é feita externamente por um sensor preso a uma faixa em volta da cabeça, pa-

Continuação: Inovação: o ingrediente que desafia as universidades

recido com uma dessas cintas cardíacas usadas por corredores para monitorar o coração. A invenção deu origem à startup Braincare, responsável pelo desenvolvimento comercial da tecnologia, que foi lançada em 2018 e já está sendo usada em vários hospitais de referência no Brasil e no exterior.

"O conhecimento só tem valor se você consegue transformá-lo em algo útil para a sociedade", é o que costuma dizer o professor Mascarenhas, segundo o diretor de operações da Braincare, Arnaldo Betta, que falou em nome da empresa no SciBiz.

Mascarenhas não está sozinho. Segundo os dados mais recentes da Auspin, apresentados no evento, mais de mil empresas já foram criadas por alunos e ex-alunos da USP, incluindo quatro "unicórnios" - startups com valor de mercado superior a US\$ 1 bilhão: iFood, 99, Nubank e Gympass. Além disso, há um vasto portfólio de projetos de pesquisa e desenvolvimento realizados em parceria com empresas públicas e privadas. O RCGI é talvez o maior deles, com um orçamento de US\$ 50 milhões, dedicado a pesquisas sobre gás natural, biogás, hidrogênio e dióxido de carbono. Outros exemplos de grande porte são a parceria com a Biolab Sanus, na área de medicamentos, e com a Caixa Econômica Federal (#CAIXAlab), dedicada ao desenvolvimento de tecnologias de interesse social.

Luiz Henrique Catalani, coordenador do InovaUSP - Foto: Francisco Emolo / USP Imagens

"Estamos vivendo um momento muito bom de inovação", diz o pesquisador Luiz Henrique Catalani, professor do Instituto de Química (IQ) e coordenador do Centro de Inovação da USP (InovaUSP), criado em 2017 justamente para arquitetar e apoiar projetos de inovação em grande escala na Universidade. Os números mostram que já há muita inovação sendo feita na USP, mas nem sempre com a eficiência e a organização necessárias para gerar resultados com o impacto desejado, observa Catalani. Segundo ele, é preciso investir em "propostas mais ousadas", ca-

pazes de gerar inovações disruptivas, e não apenas incrementais.

Essa é a missão do InovaUSP. "Queremos trabalhar com uma taxa de risco maior; com propostas verdadeiramente fora da caixa, que tenham caráter disruptivo, mas não sejam impossíveis de realizar", diz Catalani. "Se vai dar certo ou não, vai depender da nossa organização e da nossa criatividade."

O reconhecimento da promoção da inovação como responsabilidade do poder público é algo recente no Brasil, e que ainda precisa ser incorporado na prática pelas autoridades e instituições públicas de pesquisa. O termo só foi incorporado à Constituição Federal quatro anos atrás, por meio da Emenda Constitucional 85, de fevereiro de 2015, que inseriu a palavra "inovação" em vários dispositivos relacionados ao tratamento da ciência e tecnologia no País. O Artigo 207, que trata da missão das universidades, porém, permaneceu inalterado.

Discutindo a relação

Um dos principais desafios apontados pelos participantes do evento - além dos tradicionais entraves burocráticos, legais e tarifários que estrangulam o empreendedorismo no Brasil - é a superação de alguns vícios e preconceitos da própria academia com relação ao setor privado.

"Ainda há muito preconceito na relação indústria-universidade", disse o diretor técnico e científico da Biolab Sanus Farmacêutica, Dante Alário Junior - egresso da USP. Segundo ele, é comum a visão de que a indústria interfere na autonomia universitária, e que pesquisadores que atuam em parceria com empresas são "mercenários" da academia em busca de dinheiro.

O biofísico Luis Carlos Ferreira sabe bem o que é isso. O Instituto de Ciências Biomédicas (ICB) da USP, que ele atualmente dirige, já deu origem a aproximadamente 20 empresas e trabalha em par-

Continuação: Inovação: o ingrediente que desafia as universidades

ceria próxima com outras 10, mas "a grande maioria dos docentes ainda olha com muita desconfiança para esse movimento", reconhece Ferreira. Duas dessas empresas, criadas nos últimos anos, estão desenvolvendo uma nova forma de imunoterapia contra o câncer e um teste de diagnóstico mais específico para o vírus da zika, por exemplo.

"Ainda temos alguns bolsões de resistência, mas isso está mudando", disse a vice-coordenadora da Auspin e professora da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto (FEA-RP) da USP, Geciane Porto, especialista em gestão da inovação e empreendedorismo.

Nesse contexto, segundo os pesquisadores, o fomento à inovação nas universidades passa necessariamente por uma mudança cultural, não só no sentido de derrubar preconceitos arraigados quanto de semear o interesse pelo empreendedorismo e criar um ambiente propício para que ele floresça dentro da academia.

Professor Luis Carlos de Souza Ferreira, diretor do ICB - Foto: Marcos Santos / USP Imagens

O empreendedorismo é "um modelo mental que precisa ser fomentado", disse o gerente nacional de inovação da Caixa Econômica Federal, e também egresso da USP, Luis Felipe Bismarchi. Uma mentalidade que, segundo ele, está em falta tanto nas universidades quanto nas empresas.

"Os pesquisadores precisam pensar na inovação como um caminho natural possível da sua pesquisa, não como algo extraordinário ou que represente um desvio de função", diz o biólogo Carlos Hotta, professor do Departamento de Bioquímica do Instituto de Química da USP e membro do S2B (Centro de Biologia Sintética e Sistemas de Biomassa, em inglês), um dos projetos abrigados pelo InovaUSP, voltado para o uso biotecnológico de biomassa (matéria orgânica) como fonte de energia.

Além de fomentar culturalmente essa mentalidade, diz Hotta, é preciso capacitar os pesquisadores a trabalhar com inovação, para que saibam identificar oportunidades e o que fazer com elas, quando elas aparecerem. Por exemplo, como lidar com questões relacionadas a **propriedade intelectual** (patentes), relacionamento com empresas, desenvolvimento tecnológico, etc - coisas que não fazem parte do portfólio tradicional de aptidões de um pesquisador acadêmico.

"A inovação é uma questão de oportunidade, sim, mas também de conhecimento e capacitação", destacou Ferreira, que é especialista no desenvolvimento de vacinas. Ele conta que começou sua carreira como um pesquisador acadêmico tradicional, "feliz em publicar seus papers", até que resolveu se tornar um cientista empreendedor. "Foi um trajeto longo e doloroso de aprendizado", lembra.

Segundo dados da Auspin, a USP já tem mais de 170 disciplinas relacionadas a inovação e empreendedorismo; e a FEA está criando uma trilha específica para o tema, com metade das vagas abertas para alunos de outras unidades. "A ideia é inocular essa cultura nos alunos desde o início da carreira", disse o professor Moacir de Miranda Oliveira Junior, chefe do Departamento de Administração da FEA e coordenador geral do SciBiz 2019. Os "unicórnios", segundo ele, são apenas a "ponta do iceberg". "A universidade pode e deve ter esse papel de protagonismo no ambiente de empreendedorismo."

A página Inovação em Números, da Auspin, traz vários dados relacionados à inovação e empreendedorismo na USP.

"É algo que está na agenda da Universidade e que a gente realmente quer", disse Marques, da Auspin. Segundo ele, a USP tem um portfólio de aproximadamente 1,2 mil patentes ativas, mas só 5% delas já foram licenciadas - ou seja, estão sendo usadas de fato no desenvolvimento ou comercialização de algum produto.

Continuação: Inovação: o ingrediente que desafia as universidades

O caso mais conhecido - e de maior sucesso comercial - é o do Vonau Flash, medicamento para o controle de náuseas e vômitos desenvolvido pela Faculdade de Ciências Farmacêuticas (FCF) da USP em parceria com a Biolab Sanus. A patente inicial da Universidade foi licenciada para a empresa em 2005 e hoje representa a maior fonte de royalties para a USP, oriunda da comercialização do produto.

Professor Antonio Carlos Marques, diretor da Auspin -

O retorno financeiro é importante, mas "não é essa a questão principal", disse Marques. Mesmo nas universidades mais inovadoras do mundo, como nos institutos de tecnologia de Massachusetts (MIT) e da

Califórnia (Caltech), os recursos de royalties são uma parte pequena do orçamento total das instituições. O mais importante, segundo ele, é o "reconhecimento sobre a descoberta" e o retorno que a universidade dá para a sociedade ao transferir seu conhecimento para ela na forma de novas tecnologias. "As universidades, assim como as empresas, ainda estão aprendendo como fazer essas conexões", avaliou Marques.

cc

Índice remissivo de assuntos

Inovação

3, 5

Patentes

3, 4

Propriedade Intelectual

5